

Entre nostalgia e solastalgia: reflexões com Katharina Niemeyer

Between Nostalgia and Solastalgia: Reflections with Katharina Niemeyer

Entre la Nostalgia y la Solastalgia: Reflexiones con Katharina Niemeyer

Luciana AMORMINO¹
Anna CAVALCANTI²

Resumo

A entrevista com a pesquisadora alemã-canadense Katharina Niemeyer busca aprofundar sua trajetória intelectual e afetiva nos campos da teoria da mídia, da memória e das temporalidades, com ênfase nas relações entre nostalgia, solastalgia e criação coletiva. Ao refletir sobre sua formação e experiências acadêmicas e pessoais, Niemeyer articula saberes filosóficos e sensíveis para pensar como as mídias moldam modos de lembrar, esquecer e sentir. A conversa também aborda o projeto *Solastalgies Créatrices*, realizado nas Ilhas Magdalen (Canadá), onde Niemeyer investiga, em colaboração com Amandine Alessandra, Magali Uhl, Célia Forget e comunidade local, formas de narrar perdas ambientais e afetivas por meio de práticas participativas de memória. Ao diferenciar nostalgia e solastalgia, a pesquisadora

¹ Doutora e mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde desenvolve pesquisa de pós-doutorado sobre memória e comunicação na América Latina, financiada pelo CNPq. Especialista em História da Cultura e da Arte pela UFMG. Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pesquisadora associada do núcleo de estudos Tramas Comunicacionais: narrativa e experiência (UFMG) e do The Memory Group (Universidade de Warwick/UK); e integra as redes Historicidades dos Processos Comunicacionais, Rememora - Rede Brasileira de Pesquisadores de Memória e Comunicação e Linhas: Rede Mineira de Estudos da Narrativa. E-mail: luamormino@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1137-4388>

² Doutora e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com pesquisas financiadas pela Capes, e jornalista formada pela UFC. Foi pesquisadora visitante na Westfälische Wilhelms-Universität Münster (WWU), na Alemanha, onde desenvolveu pesquisa de pós-doutorado sobre revistas de cultura alemãs. É atualmente líder da Rememora - Rede Brasileira de Pesquisadores de Memória e Comunicação. E-mail: annacavalcanti@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3005-6537>



propõe uma escuta atenta aos afetos coletivos e à criação de espaços de memória orientados ao futuro.

Palavras-chave: solastalgia; nostalgia; memória

Abstract

The interview with German-Canadian researcher Katharina Niemeyer seeks to delve into her intellectual and affective journey across the fields of media theory, memory, and temporalities, with an emphasis on the relations between nostalgia, solastalgia, and co-creation. Reflecting on her academic and personal background, Niemeyer weaves together philosophical and affective knowledge to explore how media shape our ways of remembering, forgetting, and feeling. The conversation also addresses the *Solastalgies Créatrices* project, carried out in the Magdalen Islands (Canada), where Niemeyer investigated, in collaboration with Amandine Alessandra, Magali Uhl, Célia Forget and the local community, ways of narrating environmental and emotional losses through participatory memory practices. By distinguishing between nostalgia and solastalgia, the researcher advocates for attentive listening to collective affects and for the creation of memory spaces oriented toward the future.

Keywords: solastalgia; nostalgia; memory

Resumen

La entrevista con la investigadora alemana-canadiense Katharina Niemeyer busca profundizar en su trayectoria intelectual y afectiva en los campos de la teoría de los medios, la memoria y las temporalidades, con énfasis en las relaciones entre nostalgia, solastalgia y creación colectiva. Al reflexionar sobre su formación y experiencias académicas y personales, Niemeyer articula saberes filosóficos y sensibles para pensar cómo los medios moldean nuestras formas de recordar, olvidar y sentir. La conversación también aborda el proyecto *Solastalgies Créatrices*, realizado en las Islas de la Magdalena (Canadá), donde Niemeyer investiga, en colaboración con Amandine Alessandra, Magali Uhl, Célia Forget y con la comunidad local, formas de narrar pérdidas ambientales y afectivas a través de prácticas participativas de memoria. Al diferenciar entre nostalgia y solastalgia, la investigadora propone una escucha atenta a los afectos colectivos y a la creación de espacios de memoria orientados hacia el futuro.

Palabras clave: solastalgia; nostalgia; memoria

Apresentação

A entrevista com a pesquisadora Katharina Niemeyer foi realizada durante o V Simpósio Comunicação e Cultura: aproximações com memória e história oral – Os desafios da interculturalidade. De caráter interdisciplinar e com abrangência latino-americana, o evento foi organizado por pesquisadores do Brasil, México e Colômbia, e



teve sua quinta edição em maio de 2025, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo (SP).

Katharina Niemeyer foi uma das integrantes da mesa de abertura cujo tema foi *Memória e Nostalgia*, mediada por Lúcia Santa-Cruz (ESPM-Rio), com participação de Mônica Rebeca Ferrari Nunes (ESPM) e Jeanne Marie Gagnebin (PUC-SP). Na ocasião, Niemeyer apresentou seu trabalho *Solastalgies Créatrices*, realizado nas Ilhas Magdalen, arquipélago do oceano Atlântico situado no golfo de São Lourenço, no Quebec, Canadá.

Conforme apresentado na mesa de abertura, memória e nostalgia implicam passado, presente e futuro, emergindo da experiência e interação dessas três temporalidades. Ao lembrar do passado no presente, e muitas vezes com uma orientação para o futuro, alguns passados específicos são priorizados sobre outros – enquanto algumas memórias florescem, outras permanecem latentes e esquecidas. Isso ocorre tanto nas práticas mnemônicas individuais quanto nos aspectos coletivos, sociais ou institucionais de memorização ou comemorações.

Práticas de nostalgia nas condições do lembrar podem ser vistas como essenciais para manutenção de identidades, pois envolvem a seleção e descrição de experiências de narrativas significativas, bem como podem ser responsáveis pela amnésia social. No entanto, a nostalgia não se reduz à lembrança – é uma modalidade afetiva específica de engajamento com o passado. Memórias mediadas podem se tornar gatilhos para a nostalgia. Por exemplo, a fotografia de viagem de um amigo pode produzir constelações nostálgicas de afeto: um desejo por um passado perdido, em contraste com um presente que, de alguma forma, é deficiente. A memória não é, nesse sentido, um sentimento, mas um potencial desencadeador de sentimentos. A nostalgia, por sua vez, é uma parte importante dos estudos da memória, como é também o esquecimento, sem, contudo, tornarem-se simples subcategorias da memória.

Para além da reflexão sobre nostalgia e memória, Katharina Niemeyer apresentou outras formas de pensar a relação entre memória e temporalidades, especialmente no contexto contemporâneo marcado pelas questões climáticas. Um dos conceitos abordados nesse sentido foi solastalgia, tema que aprofundamos nesta



entrevista, com ênfase em sua experiência de atuação junto à comunidade das Ilhas Magdalen.

Atualmente, Katharina Niemeyer é professora na Escola de Mídia da Université du Québec à Montréal (UQAM). Ela dirige o CELAT-UQAM (Centre de recherche Cultures-Arts-Sociétés) e co-coordena o mXlab, um grupo de pesquisa-criação focado em práticas artísticas que exploram a criatividade além do humano. Em 2006, cofundou o coletivo artístico interdisciplinar Rabbitresearch, dedicado à criação e difusão de obras coreográficas e experimentais. Sua formação acadêmica inclui estudos em ciências da cultura, arqueologia, filosofia e história dos meios de comunicação na Bauhaus Universität Weimar (Alemanha), bem como em artes do espetáculo e ciências da comunicação na Universidade de Lyon 2 (França) e na Universidade de Genebra (Suíça).

As pesquisas de Niemeyer concentram-se na relação entre mídia, tecnologias e a construção de memórias culturais, com ênfase especial na nostalgia midiática, política e cultural. Ela editou o livro *Media and Nostalgia: Yearning for the Past, Present and Future* (Palgrave Macmillan, 2014) e coeditou *Nostalgies Contemporaines. Médias, Cultures et Technologies* (Presses Universitaires du Septentrion, 2021).

Além disso, Niemeyer publicou trabalhos sobre a midiaticização histórica de eventos significativos, como a queda do Muro de Berlim, os atentados de 11 de setembro de 2001, os ataques em Paris e o desastre nuclear de Fukushima, utilizando abordagens qualitativas (narrativas, semiótica da imagem) e quantitativas (análise estatística de conteúdo). Desde 2022, ela participa do projeto *Solastalgies Créatrices* nas Ilhas Magdalen, que investiga a solastalgia — uma forma de angústia ecológica.

L. AMORMINO E A. CAVALCANTI: *Qual é a sua formação educacional e acadêmica?*

K. NIEMEYER: Terminei a escola e fiz o que vocês chamam de diploma duplo, em Cultura de Mídia Europeia. Estudei entre a Universidade Bauhaus, em Weimar, na Alemanha, e a Universidade Lumière Lyon 2, na França. Então foi um diploma conjunto em cultura de mídia europeia. Entrei em contato muito cedo com



arqueologia da mídia e filosofia da mídia — autores como Kittler, Ute Holl, Lorenz Engell... Basicamente estudei isso: estudos de mídia, em Weimar, e comunicação em Lyon. Naquela época também pesquisei como eventos de mídia são organizados, e estudei os ataques de 11 de setembro, o terrorismo. Depois fiz o mestrado e, em seguida, o PhD — também em um Programa conjunto entre Lyon e Genebra, na Suíça. Terminei os estudos na Suíça, e aí tive um emprego em Paris, no Instituto Francês de Imprensa. Depois disso, me mudei para o Canadá, em 2016. E desde então trabalho com estudos da mídia. Minha formação sempre esteve ligada aos estudos de mídia, teoria da mídia e filosofia da mídia. Especializei-me primeiro em semiótica e análise de discurso em relação à mídia. Nos últimos anos — logo depois do doutorado — comecei a me interessar por nostalgia. Descobri, por acaso, que o conceito foi inventado por um médico suíço. E, em 2012, organizei uma conferência em Genebra sobre nostalgia e mídia. Mas mesmo antes disso, no meu doutorado e mestrado, sempre estive interessada em como mídia e comunicação estão ligadas à memória, à história e à temporalidade. E como tecnologia e mídia nos ajudam a lembrar e a esquecer — como elas estão entrelaçadas com a escrita histórica. Isso também tem a ver com minha história familiar. Meus avós não falavam sobre a guerra. Então eu soube da Segunda Guerra Mundial principalmente pela mídia, por livros de história. Um pouco pela família, mas não muito. Fiquei muito interessada em como a mídia e a tecnologia — num sentido mais filosófico — moldam nossos modos de lembrar. E sigo trabalhando nisso até hoje.

L. AMORMINO E A. CAVALCANTI: *Houve algo na sua vida pessoal que a motivou a pesquisar memória e nostalgia? Você acredita que nossas experiências pessoais influenciam nossas escolhas acadêmicas?*

K. NIEMEYER: Sim. Sim para as duas perguntas. Eu não sou muito nostálgica. Acho que sou mais... Bom, em alemão, a palavra é *Sehnsucht*. É mais melancolia do que nostalgia. A nostalgia, na origem da palavra — *nostos* e *algos* — é o sofrimento por estar longe de casa. Mas eu nunca me senti “em casa” em lugar nenhum. Sempre fico impressionada quando alguém diz: “Sou daqui, não vou embora, estou bem aqui”. Eu fico tipo: “Uau, que incrível!” A Alemanha é um país legal, a língua é legal, mas... Eu tive que sair para me descobrir. Então é mais um anseio por outra coisa. Porque eu



nem sei exatamente o que é “lar”. Agora talvez eu saiba um pouco mais. Fiquei mais velha. Gosto muito da Hannah Arendt por causa disso. Às vezes o lar pode ser a linguagem. Eu me sinto diferente quando falo inglês, francês ou alemão. Queria falar muitas línguas só para experimentar essas sensações diferentes. E voltando à sua pergunta: o tema da memória me mobilizou muito. Sempre quis entender como algo tão terrível quanto o nazismo pôde acontecer. E por que eu nasci nesse país. É uma carga pesada. É claro que isso não é exclusivo da Alemanha – existem genocídios, colonialismo, outras violências. Mas, no meu caso, foi essa herança. Queria entender como aquilo pôde acontecer. E sempre achei importante o trabalho da memória. Saber que não devemos esquecer – e que isso nunca deve se repetir. Então, sim, isso tudo me motivou. E acho que tudo o que fazemos está ligado à nossa história pessoal. Não acredito quando alguém diz: “Aqui estão meus dados, minha pesquisa é objetiva”. Até na física – meu marido é físico, trabalhou no CERN, em Genebra – mesmo eles, com toda a metodologia, também precisam de imaginação. É filosofia e matemática, sabe? Então, acho que mesmo nas ciências duras há subjetividade. E acho que um bom pesquisador é aquele que se assume como parte do processo. Que consegue se observar fazendo a pesquisa, mas sem apagar que seu corpo, seus sentimentos e emoções estão ali. Acho que é isso que pode criar uma comunidade dentro da universidade. E o futuro da universidade deveria ser assim: mais aberto, mais ligado às comunidades. Claro que precisamos de salas de aula, mas também podemos dar aula em museus, ao ar livre, em viagens. E não é só online. A tecnologia é ótima, claro – recebo mensagens no Instagram de gente querendo conversar. Mas, como Adorno e Benjamin disseram, tudo depende de como usamos as tecnologias.

L. AMORMINO E A. CAVALCANTI: *Você poderia explicar a ideia de solastalgia e como ela se diferencia da nostalgia?*

K. NIEMEYER: Sim. Vou tentar, porque não é tão simples. Glenn Albrecht, na Austrália, criou o termo *solastalgia* para descrever uma sensação de perda ligada à mudança ambiental – mas não necessariamente à crise climática. Pode ser a chegada de uma indústria química, por exemplo, que muda completamente a paisagem. No Brasil, poderia ser o desmatamento. Ou o colonialismo – acho que esse foi o primeiro caso de solastalgia. Quando as pessoas chegam num lugar e dizem “isso é meu”,



ignorando tudo o que já existia ali. Albrecht usou a palavra em inglês, mas também se inspirou em um termo Hopi, do povo aborígine da Austrália: *koyaanisqatsi*. Essa palavra quer dizer “fora de equilíbrio” e também “corrupção moral”. Ou seja, há sempre uma implicação humana na destruição. A solastalgia seria, então, esse sentimento de exílio em casa. Enquanto a nostalgia era originalmente a saudade do lar porque você estava longe, a solastalgia é quando você ainda está no lugar – mas ele mudou tanto que já não é mais o mesmo. Isso pode acontecer por gentrificação, por exemplo. Seu bairro muda, as pessoas são expulsas, e você não consegue mais morar lá. Ou por guerras, terremotos, enchentes.

A diferença central entre nostalgia e solastalgia é essa: a primeira está ligada a uma distância física e temporal; a segunda à permanência no lugar durante a perda. Mas os dois sentimentos podem coexistir. Por exemplo: você assiste à mudança, sente a solastalgia, e depois desenvolve nostalgia por como era antes. E também existe uma nostalgia usada politicamente, de forma abusiva. Bolsonaro fez isso, Trump também. É uma falsa nostalgia, uma idealização de um passado que nunca foi tão bom assim. Mas existe também a nostalgia das pessoas comuns – como os Arinos, por exemplo, uma família entrevistada pela socióloga Arlie Russel Hochschild, na Louisiana. Eles diziam: “A gente podia viver do rio, das frutas... Tínhamos tudo”. Depois chegou a indústria petroquímica, destruiu tudo. Não podiam mais comer o peixe, as vacas morreram nos campos. E mesmo assim votam no Trump, porque acreditam no apocalipse. Mas o sentimento que eles expressam é legítimo: é a dor de perder um modo de vida. Então, para mim, a nostalgia não é uma coisa só. Falo de nostalgias, no plural. É algo pessoal, mas também coletivo. E muitos artistas trabalham com isso – com esse sofrimento que está relacionado à perda.

L. AMORMINO E A. CAVALCANTI: *Você mencionou um projeto nas Ilhas Magdalen. Poderia contar um pouco mais sobre isso e sobre a ideia de “solicrisia”?*

K. NIEMEYER: Esse foi um projeto que fiz com minha colega Magali Uhl – ela é socióloga visual. A gente já tinha trabalhado juntas antes, num projeto sobre postais como mídia para pensar a nostalgia do futuro. E aí, durante a pandemia, pensamos: “Ok, no que podemos trabalhar agora?”. E a gente não queria cair no erro de falar sobre colonialismo sem responsabilidade, sabe? Tem temas que não são nossos para



liderar. Mas queríamos nos engajar de alguma forma. Na época, o termo solastalgia começou a aparecer, e a gente pensou: “Ok, faz sentido aqui?”. A gente foi para as Ilhas Magdalen, conheceu as pessoas, ouviu as histórias... E percebemos que não era só eco-ansiedade. Era outra coisa. E aí lembramos do conceito de solastalgia, do Glenn Albrecht. Mas ainda assim, aquilo era mais complexo. Não gosto muito da palavra “performativo”, mas o conceito sozinho não dava conta da experiência. Então começamos a pensar em algo mais voltado para criação – daí surgiu a ideia de solicrisia. É como uma “solastalgia criacional” (Solastalgies créatrices). A ideia era simples: trabalhar com a comunidade, de forma aberta, para entender o que elas mesmas queriam fazer. A gente chegou com nossos métodos acadêmicos, claro, mas tentamos deixar espaço para que a criação viesse delas. E foi lindo. Um casal, o Dian Robert e o Robert Leblanc, cuidava de um grupo de memória no Facebook sobre as Ilhas. Eles haviam acolhido muitas crianças, e tinham arquivos de fotos que ajudavam a identificar pessoas, reconstruir histórias. Eles disseram: “Ah, vocês querem trabalhar com memória? Que ótimo!”. E trouxeram famílias para o museu, trouxeram fotos, objetos... a gente só precisou facilitar. Eles fizeram tudo. Isso me tocou muito. Eu nunca tinha trabalhado diretamente com comunidades. Sou mais tímida, gosto de ficar nos arquivos, lendo. Mas percebi que esse trabalho coletivo também é fundamental.

E acho que isso tem muito a ver com o futuro da universidade. Às vezes, não há solução imediata para as mudanças climáticas, mas há formas de preservar a memória dos lugares. E talvez criar outras mídias, outras formas de lembrar – que não sejam o Facebook, que não sejam a mídia tradicional.

L. AMORMINO E A. CAVALCANTI: *Os conceitos de nostalgia e solastalgia podem ser articulados politicamente? Eles pretendem gerar algum impacto?*

K. NIEMEYER: Sim, mas eu tenho uma implicância com a palavra “impacto”. Toda vez que a gente escreve um projeto de pesquisa, perguntam: “qual será o impacto?”. Mas como a gente vai saber antes de fazer? É como perguntar à Lady Gaga qual será o impacto da próxima música dela. Mas, voltando à pergunta – sim, nostalgia tem sido usada politicamente há muito tempo. A publicidade explora isso desde sempre. Funciona porque todos sabemos que o tempo passa, que a vida muda. A nostalgia



toca nesse ponto: a irreversibilidade do tempo. Durante a pandemia, por exemplo, as pessoas compartilhavam fotos antigas, fotos de infância. Isso ajudava a lidar com o isolamento. A mídia tem esse papel – ela pode despertar nostalgia, e às vezes pode curar também. E tem o uso político, claro – tanto pela direita quanto pela esquerda. A nostalgia é usada como ferramenta retórica. Uns sentem falta do comunismo, outros de uma “América grande” que nunca existiu.

Mas também há nostalgias pessoais, muito íntimas. Cada cultura tem palavras diferentes para isso. No Japão, por exemplo, existem cinco palavras para diferentes tipos de nostalgia. Eu adoro *nagori*, que é a nostalgia pela estação que acabou de passar. Tão bonito, né? Então, os efeitos da nostalgia podem ser poéticos, políticos, pessoais... Depende do contexto.

L. AMORMINO E A. CAVALCANTI: *Você disse antes que se sente mais melancólica do que nostálgica. Pode falar um pouco mais sobre isso?*

K. NIEMEYER: Acho que é importante lembrar que, historicamente, nostalgia e melancolia eram tratadas juntas – na medicina antiga, especialmente. Eram formas de sofrimento. Com o tempo, a melancolia foi associada à depressão, e a nostalgia saiu do discurso médico. Mas no começo, eram quase a mesma coisa.

Eu às vezes tenho nostalgia no sentido clássico, claro – vejo uma foto com amigos e penso “foi um tempo bom”. Mas não fico presa nisso. Meu sentimento é mais... melancólico mesmo. Um sofrimento mais existencial, por estar no mundo. Às vezes sinto uma espécie de nostalgia pelo futuro. Pelas coisas que eu não vivi e talvez nunca vá viver. Então é isso: não é só saudade do passado. É também saudade do que poderia ter sido.

L. AMORMINO E A. CAVALCANTI: *Existe uma conexão entre nostalgia, solastalgia e a ideia de “memória para o futuro”?*

K. NIEMEYER: Sim, com certeza. Solastalgia às vezes é usada de forma superficial – tem gente que diz “perdi uma árvore no meu jardim, estou solastálgico”. Ok, pode até ser verdade, mas tem outras pessoas vivendo situações muito mais graves há muito tempo. Então, sim, o conceito tem sido apropriado. Mas também pode ser



muito profundo. Sobre memória para o futuro... acho que hoje temos essa obsessão com lembrar tudo. Mas nem tudo precisa ser lembrado. Algumas coisas, sim: genocídios, colonização, violências estruturais. Isso não pode ser esquecido. É o que os franceses chamam de *devoir de mémoire* – o dever de lembrar. Mas às vezes também precisamos seguir em frente. Gosto da ideia de nostalgia reflexiva da Svetlana Boym – pegar algo do passado, mas reconstruir com ele o futuro. Conheci uma mulher indígena que trabalhava com arqueólogos. No começo, ela não gostava que escavassem o solo, era uma invasão. Mas depois disse: “A gente precisa trabalhar juntos, porque agora vivemos juntos. E se quero que a história do meu povo seja lembrada, preciso ajudar a contar”. Essa ideia me marcou muito. A história não precisa ser só a história dos heróis. Pode ser feita de muitas vozes, de muitas formas.

L. AMORMINO E A. CAVALCANTI: *Em que situações podemos observar solastalgia? Ela se aplica a crimes ambientais ou gentrificação?*

K. NIEMEYER: Sim, mas é preciso cuidado. Não dá pra dizer que tal grupo está solastálgico só porque a gente acha. Às vezes, quando trabalho com grupos no Facebook ou em comunidades, tento perceber se há um “clima” nostálgico ou solastálgico. Mas nem sempre é explícito. Algumas pessoas dizem claramente: “sou nostálgica”. Outras sentem algo, mas não usam essa palavra. É como a nostalgia da RDA (Alemanha Oriental). Algumas pessoas são muito explícitas; outras, não. Com solastalgia é a mesma coisa. Pode ser raiva com a gentrificação, ansiedade com o clima, tristeza por perder os faróis da ilha... Então acho que a transformação social só é possível se houver escuta. Se a gente estiver aberto para saber o que as pessoas sentem, sem forçar categorias. E sim, às vezes o termo também é usado para conseguir financiamento. É parte do jogo. Mas no fim, são os sentimentos que contam. Às vezes alguém diz: “Ah, então é isso que eu estou sentindo! Que bom saber que tem uma palavra para isso”. E isso já é alguma coisa.



Esta é uma ENTREVISTA publicada em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.